

ORATÓRIA, COMUNICAÇÃO ORAL E FORMAÇÃO PROFISSIONAL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

PUBLIC SPEAKING, ORAL COMMUNICATION, AND PROFESSIONAL TRAINING: A LITERATURE REVIEW

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.063-032>

Sinara Bertholdo de Andrade

Doutora em Linguística

Secretaria de Educação do Estado do Goiás (Seduc/GO)

E-mail: sinarabertholdo@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2742-5645>

Giuliano Pereira de Oliveira Castro

Mestre em Linguística Aplicada pela UnB

Professor na Universidade Federal de Goiás - UFG

E-mail: pgiuliano@ufg.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6058870351760842>

Resumo

Este artigo apresenta uma revisão bibliográfica sobre a oratória, compreendida como competência comunicativa relevante para a formação pessoal, acadêmica e profissional. O objetivo do trabalho é analisar contribuições teóricas sobre a oratória, considerando seus fundamentos históricos, sua relação com a retórica, a comunicação verbal e não verbal, a fala pública e sua importância em contextos profissionais e digitais. A metodologia utilizada consiste em revisão bibliográfica de obras clássicas e contemporâneas, artigos científicos e materiais acadêmicos publicados sobre retórica, oralidade, argumentação, comunicação e expressividade corporal, com prioridade para publicações entre 2000 e 2026, sem excluir autores clássicos fundamentais. A discussão indica que a oratória, embora historicamente associada à arte de falar bem, ultrapassa a dimensão técnica da exposição oral, pois envolve adequação ao público, clareza discursiva, organização argumentativa, controle emocional, expressividade vocal e corporal. Conclui-se que seu desenvolvimento contribui para a formação de sujeitos mais seguros, críticos e capazes de participar de diferentes situações sociais mediadas pela palavra oral.

Palavras-chave: Argumentação; Comunicação oral; Fala pública; Formação profissional; Retórica.

Abstract

This article presents a literature review on oratory, understood as a communicative competence relevant to personal, academic, and professional development. The study aims to analyze theoretical contributions

regarding oratory, considering its historical foundations, its relationship with rhetoric, verbal and non-verbal communication, public speaking, and its importance in professional and digital contexts. The methodology consists of a literature review of classical and contemporary works, scientific articles, and academic materials published on rhetoric, orality, argumentation, communication, and bodily expressiveness, prioritizing publications from 2000 to 2026 without excluding fundamental classical authors. The discussion indicates that oratory—while historically associated with the art of speaking well—goes beyond the technical dimension of oral presentation, as it involves audience adaptation, discursive clarity, argumentative organization, emotional control, and vocal and bodily expressiveness. It is concluded that developing this skill contributes to shaping individuals who are more confident and critical, and capable of participating in various social situations mediated by the spoken word.

Keywords: Argumentation; Oral communication; Professional development; Public speaking; Rhetoric.

1 INTRODUÇÃO

A comunicação oral ocupa lugar central nas relações sociais, acadêmicas e profissionais. Em diferentes situações da vida cotidiana, os sujeitos são convocados a expor ideias, defender pontos de vista, apresentar propostas, conduzir reuniões, ministrar aulas, participar de entrevistas, argumentar em debates ou interagir em ambientes presenciais e virtuais. Nesse contexto, a oratória assume importância significativa, pois se relaciona à capacidade de organizar o pensamento, selecionar recursos expressivos, adequar a linguagem ao público e transmitir uma mensagem com clareza, segurança e eficácia.

Tradicionalmente, a oratória foi compreendida como a arte de falar bem em público. Entretanto, essa definição, embora relevante, mostra-se insuficiente para compreender a complexidade da fala pública na contemporaneidade. A oratória envolve não apenas a escolha adequada das palavras, mas também aspectos argumentativos, corporais, vocais, emocionais e contextuais. Desse modo, falar bem não significa apenas falar de maneira elegante, mas construir uma interação comunicativa coerente com a finalidade, o público, o gênero discursivo e a situação social em que o discurso ocorre.

A relevância deste estudo justifica-se pelo fato de que a comunicação oral tem sido cada vez mais exigida em ambientes acadêmicos, profissionais e digitais. Apresentações, seminários, entrevistas, reuniões, aulas on-line, palestras e interações em redes sociais demandam sujeitos capazes de se expressar com clareza e responsabilidade. Além disso, a oralidade formal ocupa lugar importante na formação cidadã, uma vez que a participação em debates, assembleias, audiências públicas, reuniões de trabalho e práticas educativas depende da capacidade de formular argumentos e escutar posições divergentes.

No campo dos estudos da linguagem, a discussão sobre oratória pode ser aproximada dos debates sobre oralidade, gêneros discursivos, argumentação, retórica e competência comunicativa. Marcuschi

(2010) contribui para essa discussão ao demonstrar que fala e escrita não devem ser compreendidas como polos opostos, mas como práticas sociais relacionadas a contextos específicos de uso. Bakhtin (2011), por sua vez, permite compreender que todo uso da linguagem se realiza em enunciados concretos, produzidos em esferas de atividade humana historicamente situadas. Assim, a fala pública também deve ser interpretada como prática discursiva situada, e não como mera emissão individual de palavras.

Diante disso, este artigo parte do seguinte problema de pesquisa: como a literatura acadêmica compreende a oratória como competência comunicativa necessária à formação pessoal, acadêmica e profissional? O objetivo geral é analisar, por meio de revisão bibliográfica, as principais contribuições teóricas sobre a oratória, considerando seus fundamentos históricos, sua relação com a retórica, a comunicação verbal e não verbal, a fala pública e sua importância na formação profissional. Busca-se, com isso, demonstrar que a oratória pode ser compreendida como uma competência comunicativa, argumentativa e social, indispensável à atuação dos sujeitos em diferentes espaços de participação.

2 METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, uma vez que se fundamenta na análise de materiais já publicados sobre o tema da oratória, da retórica, da comunicação oral, da argumentação e da formação profissional. A revisão bibliográfica permite reunir, organizar e interpretar contribuições teóricas produzidas por diferentes autores, possibilitando a construção de uma síntese crítica sobre determinado fenômeno. Nesse sentido, o estudo não realiza coleta de dados primários, entrevistas, questionários ou observação de casos específicos, concentrando-se exclusivamente em dados secundários obtidos por meio da bibliografia selecionada.

Foram consideradas como fontes de pesquisa livros clássicos e contemporâneos, artigos científicos, capítulos acadêmicos e materiais disponíveis em bases de dados como Google Acadêmico, SciELO, Portal de Periódicos da CAPES e repositórios universitários. O recorte temporal priorizou publicações entre 2000 e 2026, em razão da necessidade de contemplar discussões recentes sobre comunicação oral, formação profissional e ambientes digitais. Contudo, foram incluídas obras clássicas anteriores a esse período, como Aristóteles, Cícero e Quintiliano, por sua relevância histórica para a compreensão da retórica e da oratória.

Os critérios de inclusão adotados foram: textos acadêmicos que abordassem oratória, retórica, comunicação oral, oralidade, argumentação, fala pública, linguagem corporal, expressividade vocal e formação profissional; publicações em língua portuguesa, inglesa ou espanhola; obras com aderência direta ao objetivo do artigo; e textos com disponibilidade integral ou referência bibliográfica completa. Foram excluídos materiais de caráter meramente motivacional, textos sem autoria identificada, conteúdos publicitários de cursos livres, blogs sem fundamentação acadêmica e publicações que tratassem da comunicação apenas como marketing pessoal, sem articulação com linguagem, argumentação ou formação.

A análise foi realizada por meio de leitura interpretativa e categorização temática das obras selecionadas. As categorias iniciais foram: fundamentos históricos da oratória; relação entre oratória, retórica e eloquência; comunicação verbal e não verbal; medo de falar em público e desenvolvimento da autoconfiança; e importância da oratória no ambiente profissional e digital. A partir dessas categorias, buscou-se estabelecer diálogo crítico entre os autores, comparando aproximações, divergências e contribuições para o entendimento da oratória como competência comunicativa.

Quadro 1 – Categorias de análise da revisão bibliográfica

Categoria	Autores mobilizados	Contribuição para o estudo
Fundamentos retóricos	Aristóteles; Cícero; Quintiliano; Reboul	Compreensão da oratória como prática pública de persuasão, argumentação e construção de credibilidade.
Oralidade e gêneros	Bakhtin; Marcuschi; Dolz; Schneuwly	Entendimento da fala pública como prática social situada, vinculada a gêneros discursivos e contextos de circulação.
Argumentação	Perelman; Olbrechts-Tyteca; Fiorin; Koch	Análise da organização de argumentos, adesão do auditório, clareza e progressão discursiva.
Expressividade e performance	Polito; Bloch; Lopes; Weil; Tompakow	Discussão sobre voz, corpo, gestos, postura, entonação e presença comunicativa.
Formação profissional e digital	Zarifian; Perrenoud; Lévy; Rojo	Relação entre competência comunicativa, atuação profissional, tecnologias digitais e participação social.

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

3 DISCUSSÃO

A discussão da literatura indica que a oratória pode ser compreendida por diferentes perspectivas. Em uma primeira tradição, ela aparece vinculada à retórica clássica, à eloquência e à formação do cidadão capaz de participar da vida pública. Em uma segunda perspectiva, aproxima-se da comunicação oral e da competência discursiva, ressaltando a necessidade de adequação da fala às situações sociais. Em uma terceira direção, é entendida como habilidade profissional e acadêmica, associada à clareza, à liderança, à docência, à negociação, às apresentações públicas e às interações mediadas por tecnologias.

Essas perspectivas não são excludentes. Ao contrário, permitem compreender a oratória como fenômeno interdisciplinar, situado entre os estudos da linguagem, a educação, a comunicação, a psicologia social e a formação profissional. Por isso, a discussão foi organizada em cinco eixos: fundamentos históricos e retóricos; oratória como competência comunicativa; comunicação verbal e não verbal; fala pública, timidez e autoconfiança; e oratória no ambiente profissional e digital.

3.1 ORATÓRIA, RETÓRICA E ELOQUÊNCIA

A história da oratória está diretamente ligada à tradição retórica. Na Antiguidade clássica, a palavra pública ocupava papel decisivo na vida política, jurídica e educativa. Aristóteles (2011) compreende a retórica como uma capacidade de discernir, em cada situação, os meios disponíveis de persuasão. Essa formulação permite perceber que a retórica não se reduz à ornamentação verbal, mas envolve análise da situação comunicativa, conhecimento do auditório, seleção de argumentos e construção de efeitos de sentido.

A contribuição aristotélica permanece relevante porque organiza a persuasão em torno de três dimensões: ethos, pathos e logos. O ethos refere-se à credibilidade construída pelo orador; o pathos diz respeito às emoções mobilizadas no auditório; e o logos relaciona-se à racionalidade dos argumentos. Esses elementos continuam presentes nas práticas contemporâneas de fala pública, ainda que assumam novas formas em palestras, aulas, reuniões, vídeos, entrevistas e apresentações acadêmicas. O orador contemporâneo também precisa construir credibilidade, organizar argumentos e estabelecer vínculo emocional adequado com seu público.

Cícero (2012) e Quintiliano (2015) ampliam essa tradição ao relacionar a formação do orador ao domínio da linguagem, ao conhecimento dos assuntos públicos e à dimensão ética da palavra. Em Quintiliano, especialmente, a figura do bom orador não se limita à eficácia persuasiva, pois envolve formação moral e responsabilidade diante da coletividade. Essa perspectiva é importante para evitar que a oratória seja compreendida apenas como técnica de convencimento. A fala pública pode persuadir, mas também deve estar vinculada à responsabilidade ética do sujeito que fala.

Reboul (2004) contribui para a atualização desse debate ao mostrar que a retórica está presente em múltiplas práticas sociais, desde os discursos políticos até a publicidade, a educação e as interações cotidianas. Enquanto a tradição clássica enfatiza a formação do orador para a vida pública, autores contemporâneos demonstram que os mecanismos de persuasão permanecem ativos em diversas esferas da comunicação. Desse modo, a oratória pode ser compreendida como prática histórica que se transforma conforme os modos de circulação da palavra se modificam.

Nesse ponto, é possível distinguir retórica, eloquência e oratória. A retórica corresponde ao campo teórico que estuda os modos de construção da persuasão; a eloquência relaciona-se à capacidade expressiva de dizer com fluência, beleza e força; e a oratória diz respeito à prática concreta da fala pública, na qual se articulam teoria, técnica, presença e situação comunicativa. Embora os conceitos se aproximem, não devem ser tratados como sinônimos absolutos. A oratória mobiliza recursos retóricos e pode produzir efeitos de eloquência, mas se realiza em situações específicas de interação social.

3.2 A ORATÓRIA COMO COMPETÊNCIA COMUNICATIVA

A compreensão contemporânea da oratória exige deslocar o foco do dom individual para a noção de competência comunicativa. Durante muito tempo, falar bem foi associado à habilidade natural de determinados sujeitos, como se a boa comunicação pública dependesse exclusivamente de talento inato. Entretanto, a literatura sobre linguagem e educação demonstra que as competências comunicativas são desenvolvidas por meio de práticas sociais, experiências formativas, reflexão sobre a língua e participação em gêneros discursivos variados.

Bakhtin (2011, p. 261) afirma que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. Essa afirmação é central para pensar a oratória, pois a fala pública não existe fora dos campos de atividade em que se realiza. Um discurso jurídico, uma aula, uma apresentação empresarial, uma fala religiosa, uma sustentação oral, um seminário universitário ou um vídeo em rede social possuem formas, objetivos e expectativas diferentes. O bom desempenho oral depende, portanto, da capacidade de reconhecer a esfera de circulação do discurso e agir linguisticamente de modo adequado a ela.

Marcuschi (2010) também contribui para essa discussão ao recusar a oposição simplificadora entre fala e escrita. Para o autor, fala e escrita compõem um contínuo de práticas sociais, atravessado por diferentes graus de planejamento, formalidade e monitoramento. A oratória situa-se nesse contínuo como uma modalidade de oralidade geralmente planejada, mais monitorada e orientada por objetivos públicos. Por isso, ela não pode ser confundida com conversação espontânea, embora também dependa de interação, escuta e capacidade de adaptação ao interlocutor.

Dolz e Schneuwly (2004), ao discutirem gêneros orais e escritos na escola, mostram que os gêneros podem ser ensinados por meio de sequências didáticas e situações planejadas de aprendizagem. Essa contribuição é relevante porque permite compreender que a fala pública pode ser objeto de ensino sistemático. Debates, seminários, exposições orais, entrevistas, mesas-redondas e apresentações são gêneros que demandam planejamento, organização temática, adequação lexical, uso de recursos argumentativos e consideração do público. Logo, a oratória pode ser desenvolvida como prática pedagógica e profissional.

Enquanto Bakhtin enfatiza a natureza social dos enunciados, Marcuschi demonstra a complexidade das relações entre oralidade e escrita, e Dolz e Schneuwly apontam possibilidades didáticas para o ensino dos gêneros orais. Em conjunto, esses autores permitem superar uma visão restrita da oratória como treinamento de postura ou voz. A oratória envolve também repertório discursivo, domínio de gêneros, leitura da situação comunicativa e capacidade de construir sentidos em interação com o público.

3.3 COMUNICAÇÃO VERBAL, NÃO VERBAL E EXPRESSIVIDADE

A eficácia da oratória depende da integração entre elementos verbais e não verbais. A comunicação verbal diz respeito à organização linguística do discurso: seleção vocabular, clareza sintática, progressão temática, coesão, coerência, exemplificação e uso de argumentos. Koch (2011) ressalta que a argumentação está inscrita na própria linguagem, de modo que escolhas linguísticas orientam interpretações e posicionamentos. Assim, a palavra do orador não é neutra; ela organiza uma direção argumentativa e procura produzir adesão, compreensão ou reflexão no auditório.

Fiorin (2015) aprofunda esse ponto ao demonstrar que argumentar implica construir razões capazes de sustentar uma tese. No campo da oratória, essa construção precisa ser percebida pelo público durante a exposição oral. Isso exige que o orador apresente uma ideia central, organize a sequência dos argumentos, sinalize passagens, utilize exemplos e retome pontos importantes. A clareza da fala pública depende menos da quantidade de informações apresentadas e mais da organização discursiva que permite ao ouvinte acompanhar o percurso argumentativo.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) contribuem ao destacar a importância do auditório na argumentação. Para esses autores, toda argumentação busca obter ou aumentar a adesão dos espíritos às teses apresentadas. Esse princípio é fundamental para a oratória, pois o discurso oral precisa considerar quem escuta, quais valores estão em jogo, que conhecimentos prévios o público possui e quais formas de justificativa são mais pertinentes. Assim, o auditório não é receptor passivo, mas instância constitutiva da construção argumentativa.

Além da dimensão verbal, a oratória mobiliza corpo, voz, olhar, gestos, expressões faciais, pausas, ritmo e entonação. Polito (1998) e Bloch (2002) enfatizam a importância da naturalidade, da respiração, da projeção vocal e da postura para uma comunicação oral eficaz. Esses aspectos não devem ser tomados como acessórios, pois colaboram para a inteligibilidade e para a credibilidade da fala. Um discurso bem estruturado pode perder força se for apresentado com voz monótona, postura retraída ou gestos incompatíveis com a mensagem.

Weil e Tompakow (2015), ao tratarem da linguagem do corpo, mostram que a comunicação humana inclui sinais não verbais que interferem na interpretação da mensagem. Embora seja necessário evitar leituras rígidas ou universalizantes dos gestos, é possível afirmar que postura, expressões faciais e movimentos corporais participam da construção de sentidos. Na oratória, o corpo não apenas acompanha a fala; ele também comunica presença, segurança, abertura, tensão, entusiasmo ou distanciamento.

Desse modo, observa-se que comunicação verbal e comunicação não verbal não atuam separadamente. A palavra organiza o conteúdo e a argumentação, enquanto a voz e o corpo contribuem para sustentar a atenção, a expressividade e o vínculo com o público. A boa oratória exige coerência entre o que

se diz, como se diz e em que contexto se diz. Quando esses elementos se articulam, a fala pública tende a produzir maior clareza, credibilidade e envolvimento.

3.4 FALA PÚBLICA, TIMIDEZ E AUTOCONFIANÇA

Uma das questões mais recorrentes nos estudos e manuais de oratória é o medo de falar em público. A exposição diante de outras pessoas pode provocar ansiedade, insegurança, tremores, esquecimento, alteração da voz, aceleração dos batimentos cardíacos e sensação de perda de controle. Essa experiência não deve ser interpretada como incapacidade definitiva do sujeito, mas como reação emocional que pode ser compreendida, trabalhada e ressignificada por meio de preparação e prática.

A literatura sobre oratória costuma destacar que o domínio do conteúdo é um dos fatores centrais para a segurança do orador. Quando o sujeito conhece o tema, organiza previamente a exposição e prevê possíveis perguntas, tende a reduzir a insegurança. Entretanto, o conhecimento técnico, isoladamente, não garante uma boa fala pública. É necessário também planejar a estrutura da apresentação, ensaiar a abertura e o fechamento, controlar o tempo, selecionar exemplos e adaptar a linguagem ao público.

Polito (1998) defende que a superação das inibições passa pelo treinamento progressivo e pela percepção de que a comunicação oral pode ser aprimorada. Bloch (2002), por sua vez, ressalta a importância da voz e da expressividade para tornar a fala mais clara e agradável. Esses autores convergem ao compreender a oratória como habilidade desenvolvida, e não como atributo imutável. O medo, portanto, não desaparece necessariamente, mas pode ser administrado quando o orador constrói repertório, autoconhecimento e experiência.

A autoconfiança na fala pública também depende da relação estabelecida com o erro. Em muitas situações, o medo de falar em público está relacionado ao receio de julgamento, esquecimento ou inadequação. Contudo, a comunicação oral é dinâmica e admite reformulações, retomadas e ajustes. A competência do orador não consiste em realizar uma fala perfeita, mas em manter presença, clareza e responsabilidade mesmo diante de imprevistos. Essa perspectiva humaniza a oratória e a aproxima de processos formativos mais realistas.

No ambiente educacional e profissional, é necessário que a aprendizagem da oratória seja pensada de modo gradual. Exposições breves, debates orientados, leitura expressiva, apresentações em pequenos grupos, gravação de vídeos, feedback construtivo e avaliação formativa podem contribuir para desenvolver segurança. Nesse sentido, a oratória não deve ser ensinada apenas como performance final, mas como processo de construção da voz pública do sujeito.

3.5 ORATÓRIA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E NO MEIO DIGITAL

A importância da oratória na formação profissional torna-se evidente quando se observam as exigências contemporâneas do mundo do trabalho. Profissionais de diferentes áreas precisam apresentar projetos, defender ideias, conduzir reuniões, orientar equipes, atender clientes, participar de entrevistas, negociar soluções e comunicar resultados. Nesse contexto, a competência técnica precisa ser acompanhada da capacidade de tornar o conhecimento comunicável, compreensível e relevante para diferentes públicos.

Zarifian (2001) compreende a competência como capacidade de mobilizar recursos diante de situações profissionais. Essa concepção ajuda a pensar a oratória como competência que articula saberes linguísticos, sociais, emocionais e técnicos. Não se trata apenas de conhecer regras de apresentação, mas de mobilizar recursos comunicativos de acordo com problemas reais: explicar um procedimento, convencer uma equipe, responder a uma objeção, mediar conflitos ou apresentar uma proposta institucional.

Perrenoud (1999) também contribui para essa reflexão ao discutir competências como capacidades de agir eficazmente em determinadas situações, apoiando-se em conhecimentos, mas sem se reduzir a eles. Aplicada à oratória, essa perspectiva permite compreender que falar em público exige mais do que decorar conteúdos. Exige interpretar a situação, selecionar estratégias, lidar com emoções, adaptar a linguagem e construir interação com o público. A oratória, portanto, constitui competência complexa, situada e mobilizadora de diferentes saberes.

No campo da docência, essa discussão ganha relevância particular. Professores e professoras exercem cotidianamente práticas de fala pública: explicam conceitos, orientam atividades, conduzem debates, fazem intervenções, narram experiências, apresentam avaliações e mediam conflitos. A qualidade da comunicação oral interfere na construção da autoridade pedagógica, na compreensão dos estudantes e no clima interacional da sala de aula. Nesse sentido, a oratória pedagógica não deve ser confundida com teatralização artificial, mas compreendida como capacidade de ensinar pela palavra, pelo corpo, pela escuta e pela presença.

A expansão das tecnologias digitais ampliou ainda mais os espaços de manifestação da oratória. Lévy (1999) mostra que a cibercultura transforma formas de interação, circulação de informações e produção de conhecimento. A fala pública, nesse contexto, desloca-se para vídeos, aulas remotas, reuniões virtuais, transmissões ao vivo, podcasts e redes sociais. Essas práticas exigem novas adaptações: olhar para a câmera, controlar ruídos, modular a voz no microfone, organizar falas mais objetivas, utilizar recursos visuais e manter a atenção de públicos dispersos.

Rojo (2012), ao discutir multiletramentos, permite compreender que a comunicação contemporânea é marcada pela multiplicidade de linguagens, mídias e culturas. A oratória digital não se realiza apenas pela voz, pois articula imagem, texto, enquadramento, edição, gestos, ritmo e interação em plataformas. Desse modo, a formação para a fala pública precisa considerar também os ambientes digitais, nos quais a palavra

oral passa a circular em formatos híbridos, muitas vezes gravados, compartilhados e comentados por públicos ampliados.

A presença da oratória no meio digital, contudo, não elimina seus fundamentos clássicos. O ethos continua relevante na construção da credibilidade; o logos permanece necessário para a organização argumentativa; e o pathos continua atuando na relação emocional com o público. O que se modifica são os suportes, os ritmos de circulação, os modos de interação e as expectativas dos interlocutores. Assim, a oratória contemporânea combina tradição retórica e adaptação tecnológica.

A revisão da literatura, portanto, indica que a oratória deve ser valorizada na formação acadêmica e profissional como prática de linguagem, argumentação e presença social. Quando compreendida de modo crítico, ela não se limita a técnicas de autopromoção ou persuasão instrumental. Ao contrário, pode contribuir para a participação cidadã, para o fortalecimento da autonomia comunicativa e para a construção de relações profissionais mais claras, éticas e dialogadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão bibliográfica realizada permite compreender que a oratória é uma competência comunicativa complexa, historicamente vinculada à retórica, à eloquência e à vida pública. Embora seja frequentemente definida como a arte de falar bem, a literatura indica que seu desenvolvimento envolve dimensões mais amplas, como organização argumentativa, adequação ao público, clareza verbal, expressividade corporal, domínio vocal, autoconfiança e responsabilidade ética na comunicação.

O problema de pesquisa proposto foi respondido na medida em que se observou que a literatura acadêmica compreende a oratória não apenas como técnica individual, mas como prática discursiva situada e competência relevante à formação pessoal, acadêmica e profissional. Autores clássicos, como Aristóteles, Cícero e Quintiliano, evidenciam a relação entre palavra pública, persuasão e formação ética. Autores contemporâneos, como Bakhtin, Marcuschi, Perelman, Fiorin e Koch, permitem ampliar essa compreensão ao relacionar a fala pública à linguagem, aos gêneros discursivos, à argumentação e à interação social.

Observa-se também que a oratória não deve ser compreendida como um dom natural restrito a determinadas pessoas, mas como habilidade que pode ser desenvolvida por meio de estudo, prática e reflexão crítica. Nesse sentido, a formação do bom orador depende tanto do domínio do conteúdo quanto da capacidade de compreender o contexto comunicativo, estabelecer vínculo com o público e utilizar recursos verbais e não verbais de maneira coerente com os objetivos da interação.

A literatura evidencia ainda que a oratória possui relevância crescente na formação profissional e digital. Entrevistas, reuniões, aulas, seminários, palestras, apresentações on-line e interações em redes sociais demonstram que a fala pública se tornou uma exigência recorrente em diferentes esferas da vida

social. Conclui-se, portanto, que o estudo da oratória contribui para a formação de sujeitos mais seguros, críticos e capazes de participar ativamente de práticas comunicativas presenciais e virtuais.

Como lacuna, identifica-se a necessidade de mais estudos que articulem oratória, educação linguística, formação docente e tecnologias digitais, especialmente em contextos brasileiros. A oratória ainda é frequentemente tratada como técnica de desempenho individual, quando poderia ser investigada como prática social, argumentativa e pedagógica. Recomenda-se, assim, que futuras pesquisas aprofundem sua relação com os gêneros orais, os multiletramentos e a formação cidadã.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BLOCH, Pedro. **Você quer falar melhor?** Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

CÍCERO. **Do orador**. Tradução de Adriano Scatolin. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, Valéria. **Oratória e fonoaudiologia estética**. Carapicuíba: Pró-Fono, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MEYER, Michel. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

POLITO, Reinaldo. **Como falar corretamente e sem inibições**. São Paulo: Saraiva, 1998.

QUINTILIANO, Marco Fábio. **Instituição oratória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal. 74. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

ZARIFIAN, Philippe. **Objetivo competência**: por uma nova lógica. São Paulo: Atlas, 2001.